O CORONEL

PEDRO DE MELLO

E A SUBLEVAÇÃO GERAL

DE TIMOR EM 1729 - 1731

Homenagem do Autor

O CORONEL

Pedro de Mello

E A SUBLEVAÇÃO GERAL DE TIMOR EM 1729-31

pelo Capitão
C. R. BOXER

EX LIBRIS
C. R. BOXER

1803 P

MACAU - 1937
Escola Tipográfica do Orfanato Salesiano

O CORONEL
PEDRO DE MELLO
E A SUBLEVAÇÃO GERAL DE TIMOR EM 1729-1731

AO
CORONEL JOEL VIEIRA

Tem-se afirmado e repetido muitas vezes que a história dos Portugueses na Índia foi um desenrolar de mera decadência depois do comêço do século XVII, quando os Holandeses e Ingleses conseguiram disputar e, afinal, adquirir o domínio dos mares do Oriente dos seus precursores lusitanos.

Ninguém pode negar que os séculos XVII e XVIII — especialmente êste último — foram uma longa agonia do antigo poderio, no ocaso da grande glória da Navegação e da Conquista; mas, mesmo assim, não foi rápida a queda do grande Império luso, nem faltaram homens de valor e merecimento iguais aos melhores da Idade de Ouro para sustentar a luta desesperada — e desde já perdida — contra

nações inimigas mais fortes e melhor organizadas, combatendo com tanto valor, se bem que não com tanto êxito, com os primeiros conquistadores.

Para se convencer da verdade da minha tese, basta que o leitor lance um rápido olhar pelas seguintes páginas, onde fica cabalmente demonstrado que Pedro de Mello — para nomear só um — em pleno século XVIII, foi ainda um digno continuador dos Homens da Epopeia.

Começaremos pela sua filiação, até agora pouco conhecida. Era filho bastardo, sendo filho dum clérigo, mas nem por isso deixou de ser o seu nascimento ilustre pelo sangue e ainda pelo carácter do pai, se bem que os brios dêste último fôssem mais dignos dum militar que dum religioso.

Pedro de Mello era filho natural de Joseph de Mello, Cónego da Sé de Lisboa e filho de outro Pedro de Mello, Comendador de São Martinho de Pinhel, e São Pedro das Gaveas da Ordem de Cristo, Governador da Serpa e de Rio de Janeiro, Mestre de Campo Geral na guerra da Aclamação, Conselheiro de guerra del Rei D. Pedro II, etc., e de sua segunda mulher, D. Teresa de Mendoça, filha de Tristão de Mendoça, Comendador da Avanca, e de D. Elena Manoel. O irmão mais velho do Cónego Joseph de Mello era Francisco de Mello, que herdou a casa do seu pai, a quem el Rei D. Pedro II deu a senhoria da vila de Ficalho. Sabemos pelo segundo tomo da *Corografia Portugueza* do Padre António Carvalho da Costa, publicado em 1708, que antes daquele ano «Joseph de Mello, sendo Cónego na Sé de Lisboa, renunciou e se retirou para Serpa», onde ficava a quinta e morgado dos Mellos. Não sabemos o nome da mãi do nosso herói, nem o ano em que nasceu, mas devia ter nascido antes de 1700 (porque foi para a Índia dezassete anos mais tarde) e quando o pai era ainda clérigo em Lisboa.

Tanto o pai como o tio de Pedro de Mello serviram com grande valor na guerra da Sucessão da Espanha, e na curiosa *Gazeta composta em forma de carta, com algumas noticias desde o anno de 1701 athé o de 1709,* escrita por José Soares da Silva, um dos primeiros e mais esclarecidos membros da Academia Real de História, encontramos as seguintes referências às façanhas bélicas do ex Cónego Joseph de Mello, que reproduzimos aqui, confessando, porém, que não percebemos a significação da sua alcunha de «Martir Inglês». É possível, contudo, que esta se refira a São Thomas de Cantuária (Thomas à Becket) que foi assassinado pelos homens do então Rei da Inglaterra, que teve questões com o Arcebispo por ser êste de temperamento rijo e pouco tolerável. Mas vamos às citações.

A primeira notícia data de 14 de Junho de 1704 e reza assim: «De Portalegre corria muito más nouas, queira Ds̄, que sem embargo de serem más, sayão mentirosas. Joseph de Mello, por antono maria (*sic* por antonomásia) o martir inglez, trocando a sotana pela espada, e hũa loba por outra loba (se he que hera loba a tal espada) tem obrado maravilhas nos seus estados, como se poderia esperar de hum filho de São Pedro...» *

A segunda notícia é de 27 de Fevereiro de 1706: — «O nosso Martir Inglez Joseph de Mello (q̄ Ds̄ queira não o fassão martir de outra nação) fez agora hũa das suas, (entradas) e entrou em Castella, aonde saqueou dous Lugares, e tomou hũa grande preza de gados; e vindose Recolhendo lhe sairão ao encontro, mil e duzentos Infantes, e duzentos cavalos, com os quais peleijou, trazendo somento trezentos Infantes, e cento e sincoenta cavallos, e fez fugir a cavalaria toda do enemigo, e matou 300 Infantes; com que por boas contas cada hum dos nossos deu conta de hum dos enemigos, ou prizioneiro, ou morto;

* *Grazeta em forma de Carta por José Soares da Silva* (*Anos de 1701-1716*) Tomo I, p. 21. (Lisboa, 1933). Edição publicada pela Biblioteca Nacional de Lisboa. Esta obra, ainda que muito útil para o invescigador da história do século XVIII, carece dum índice como quási todos os trabalhos dêste género publicados em Portugal o que torna a sua consulta muito morosa.

faltandonos, (para ser mais feliz o sucesso) so seis soldados nossos. Parece incrivel, mas o sucesso dizem que he sem duvida que assim foy; não obstante haver (como sempre ha) quem queira desacreditalo, ou de encarecido, ou de temerario, e o peor he que tem logrado o intento com q.^m^ intentou logralo. Tomaramos ouvir de outrem estes encarecimentos, ou estas temeridades». (2)

A terceira e última notícia é do último de Maio do ano seguinte e deduz-se dela que o aguerrido clérigo foi um dos prisioneiros feitos pelo exército Franco-Espanhol, quando êste tomou Serpa «... que se entregou a 26 deste, ficando a nossa gente prizioneira de guerra per 6 mezes e Liuvrando o saco da prassa com 30 mil patacas que lhe derão. Joseph de Mello, por antonomazia el Sacristan del Infierno, ou o Martir Inglez, está em vesperas de o ser de nação differente, pois ficou prizioneiro e foy mandado para Seuilha; aonde lhe farão a caridade, em satisfação das injurias Recebidas». Igual má fortuna padeceu o seu irmão, Francisco de Mello, que teve que entregar Moura ao exército inimigo no mês seguinte, se bem que com capitulações muito honrosas, como bem mereceu a sua galharda defesa daquela pequena praça. (3)

Nada mais sabemos do pai do nosso herói, mas lendo as proezas praticadas por êste mais tarde na India, bem se vê que foi filho digno daquele *Sacristan del Inferno* cuja espada tantas façanhas obrou em defesa da pátria alentejana durante a guerra da Sucessão.

Segundo nos consta de vários documentos coevos oficiais, Pedro de Mello embarcou para a Índia no ano de 1717, com o pôsto de Capitão de infantaria da guarnição da Nau de viagem. Uma vez chegado a Goa, parece que a sua promoção foi rápida, porque depois de servir algum tempo como Capitão do Terço do Estado e Capitão de Mar e Guerra da Corôa, foi nomeado Brigadeiro de Infantaria por

(2) *Ibidem* p. 56

(3) *Ibidem* p. 107-8.

CARTA I

ILHAS DE SONDA

ILHA DE FLORES
LARANTUKA
ADONAR
SOLOR
LOMBLEN
PANTAR
ALLOR
ILHA DE WETTER
P. CAMBING
ILHA DE KISSAY
ILHA DE ROMA
ILHA DE LETTE
MANATUTO
LIQUIÇA
DILLY
HERA
LALEIA
LACLO
SÁMORO
VIQUEQUE
BATUGADE
BELLOS
LI'FAO
ALLAS
CLACO
SERVIÃO
ILHA DE SEMÃO
CUPÃO (KUPANG)
ILHA DE ROTTI

CARTA-ESBOÇO DAS ILHAS DE TIMOR E SOLOR SÉCULO XVIII

KILOMETROS
100 80 60 40 20 0 50 100

ESCALA $\frac{1}{3,000,000}$

ocasião da expedição contra o célebre pirata, Angria, no Culabo. (4) A história verdadeira e completa desta malograda expedição Anglo-Lusa está ainda por escrever, e não sabemos qual o papel desempenhado nela por Pedro de Mello senão que embarcou com o posto de Capitão de mar e guerra da fragata capitania *N.a Sa. de Piedade*, a qual tambem levou o Vice-rei, Francisco Joseph de Sampaio, quando a Armada Portuguesa saiu da barra de Goa em 22 de Novembro de 1722. (5) Depois desta expedição serviu algum tempo por Brigadeiro de Infantaria das terras do Norte, e Ajudante Real das Ordens do Visorey, até que em 1729 ou pouco antes, foi nomeado Governador e Capitão Geral das ilhas de Solor e Timor para suceder naquele cargo a Antonio Moniz de Macedo.

Segundo as melhores, ou antes, as únicas fontes da história de Timor até hoje impressas, encontrou Pedro de Mello as ilhas de Timor e Solor num estado pacífico, (6) ainda que só superficialmente, porque os reis indígenas andavam muito descontentes por causa das fintas e impostos ordenados pelo govêrno português que julgavam

(4) Celestino Soares, *Bosquejo*, Tomo III, p. 30, citando um oficio do Visorey, Conde de Saudomil, datado de Goa, em Janeiro de 1735. Códice 1605. A. G. da Biblioteca Nacional de Lisboa, citado por P. Pissurlencar no seu estudo *Portugueses e Maratas* publicado no *Boletim do Inst. Vasco da Gama*, Nova Goa.

(5) O Culabo ficava situado na terra firme fronteira à ilha de Bombaim do Sul, sendo a capital do pirata Managy Angria que muitas presas fez tanto aos Ingleses como aos Portugueses. Confederaram-se aqueles em 1722 com o V. Rei Sampaio para, de comum acôrdo, destruirem o mesmo corsário, o que deu lugar à derrama de uma finta sôbre as Aldeas de Goa, e a um grande recrutamento, e êste a um jocoso despacho lançado pelo referido V. Rei no requerimento de uma viúva de Panelim, em que pedia ser dispensado o seu único filho de ir a Culabo, nos termos seguintes: — *Francisco José Sampaio, único filho de seu pai, também para o Culabo vai.*

(6) Affonso de Castro, *As Possessões Portuguezas na Oceania*, Lisboa, 1867, pp. 61-3 e 243-4. Capitão A. Faria de Morais, *Subsidios para a Historia de Timor* pp. 146-9 e 75-8.

excessivos. Segundo Afonso de Castro e os outros autores que o seguiram, entregou Moniz de Macedo o govêrno a Pedro de Mello, na presença de quási todos os reis de Timor que vieram ao acto de posse, tendo conseguido atraí-los a Lifao, sob o pretexto de atender às suas reclamações contra os tributos pesados. Ignorando Pedro de Mello os ajustes e promessas do seu imprudente antecessor, e não sabendo que êste havia aliviado os reis da finta, corvêa, e mais gastos, e achando-se sem meios, ordenou a cobrança do imposto das fintas segundo o uso antigo.

Ponderaram os Reis ao Governador — prosseguiram as mesmas autoridades — que havendo sido dispensados daqueles encargos por Moniz de Macedo, como representante do V. Rei, não viam razão para que novamente se lhes exigissem, e que, se êste os havia aliviado por julgá-los sobrecarregados, não era justo que o novo Governador os onerasse. Sendo Pedro de Mello homem de carácter áspero e temperamento rijo, ficou exasperado pela desobediência dos reis, mas achando-se desprovido de meios para a luta, entendeu que era lícito fazer pela astúcia e deslealdade o que não podia pelas armas ou pela habilidade. Assim, dissimulando a ira em que fervia, conseguiu chamar à praça os crédulos reis de Viqueque, de Alas, de Samoro e de Claco, e logo que êles se apresentaram, dando largas ao ressentimento, mandou-os agarrar por cafres e meter a ferros. Não satisfeito ainda com aquele duro tratamento, ordenou que os reis fôssem sustentados a meia ração para lhes aumentar o padecimento. Segundo Afonso de Castro e outros escritores, esta prisão traiçoeira e afrontosa dos quatro reis determinou uma sublevação geral, de que era chefe Francisco Fernandes Varella, o qual com outros cabecilhas, a dirigia do presídio de Dilly, onde se reüniu o grosso das fôrças. O incêndio lavrou rápido, e sendo o governador Pedro de Mello cercado na tranqueira de Manatuto por espaço de oitenta e cinco dias, resolveu por fim abandonar o presídio e incendiá-lo por causa da fome que havia muitos dias ameaçava os seus defensores. Havia já em-

barcado o material de guerra e parte da guarnição, e dava já ordem de se atear o incêndio, quando recebeu uma carta do seu sucessor, Pedro Barreto da Gama, comunicando-lhe achar-se provido no cargo de Governador, haver chegado a Lifao em 25 de Março daquele ano, 1731, e estar-se aprontando para socorrer os defensores de Manatuto, aos quais enviava mantimentos. Com estas notícias cobrou novo ânimo o Governador, e desembarcando o material de guerra, a guarnição tornou a ocupar o presídio, esperando a chegada do sucessor, que não se fez esperar muito. Apenas chegado, Barreto da Gama mandou soltar os dois únicos sobreviventes dentre os quatro reis aprisionados por Pedro de Mello, facto êste que muito concorreu para a pacificação da colónia.

Ora, esta versão da história da famosa sublevação de 1729-1731, que é baseada no relatório do próprio Pedro de Rego Barreto da Gama e Castro, e que tem sido geralmente aceite até hoje, não corresponde à verdade dos factos, como vemos do documento que agora reproduzimos, firmado pelo punho de Pedro de Mello. Por êste papel bem extenso, vemos que Pedro de Mello só aprisionou os reis revoltosos, *depois* de se ter dado já há muito o levantamento e que no seu modo de proceder não havia traição alguma. Mas vamos à transcrição textual dêste documento importantíssimo:

PEDRO DE MELLO G^r E CAP^m

Gñal das Ilhas de Sollor

e Thimór por sua Mgd^e q̄ Ds̄ g.^e &c^a

Certifico, que detriminando castigar as sublevações, e levantamentos, q achey nas ditas Ilhas, e se forão continuando sugerido, e auxilliado tudo pellos Larantuqueiros, na expectação dese fazerem absolutos Senhores dellas, como executado a mayor parte na Provincia dos Bellos pello levantado do Reino de Camanace Dom Mathias, conloyado com os Coroneis, Reis, e mais Cabeças de que he composta no desejo de querem sacudir o mando Portuguez, (1) e divida sugeição a El Rey nosso Snõr, me rezolvy paçar a d^a Provincia, sa-

(1) Sôbre a origem desta sublevação escreveu Pedro de Rego Barreto, numa carta sua datada de Liphao, em 23 de Julho de 1732,— «os rebeldes... sendo meramente uma liga de thimores e larantuq^ros, q̄ caminhando ambos os partidos cõ a expectação de governar cada hum por sy, fingidamente, socorria hum a outro contra nós em vigor dos ajustes que fizerão quando se confederarão para se excluir o mando Portuguez. Hera a mente dos thimores que efectuando este intento cõ facilidade aos larantuqueiros farião o mesmo, ficando nas muitas cõ que se achavão e em que pella promeça de fazerem Rey de Camanaça a D. Mathias da Costa... ficandoce assim escuzando haver de declararse no levantamento mais cabeças q̄ o dito D. Mathias por ser necesário q̄ os ocultos, afectando lealdade e vassalagem a El Rey se mostracem pello partido Real, em ordem a se refazerem de polvora e mais petrechos de guerra q̄ delles precizamente se havião de ficar p̄ asoute dos levantados...» &c (Documento publicado a pp. 79-84 do livro do Capitão A. Faria de Morais *op. cit.)* Note-se, de passagem que o Capitão Morais faz uma estranha confusão entre Pedro de Mello e António de Albuquerque Coelho, o célebre Governador de Macau em 1718-19, e que governou Timor em 1722-5, dizendo que foi êste e não aquele que governou a ilha em 1729-31, quando realmente António de Albuquerque nunca mais tornou lá, depois da sua partida de Lifao em 1725. É de presumir que os Larantuqueiros eram assim chamados por serem de origem do Larantuka, na ilha vizinha das Flores e sédo do mando Português antes da fundação de Lifao em 1700.

Reprodução em fac-simile da primeira página dum interessante documento feito por Pedro de Mello, actualmente pertencente à collecção do Cap. C. R. Boxer. O original tem 32x22 cm.

hindo cõ effeito da Praça de Liphão aos vinte e seis de Julho de mil sete centos vinte e nove embarcado no Barco com q̄ a Cidade de Macao socorrer na mesma ocazião as ditas Ilhas, e levando as poucas forças q̄ pude tirar da dita Praça em tres companhias, huma de gente paga, e duas de Auxiliares, concorrendo mais para a minha detriminação o chamarem-me cõ viuas instancias p.ª o castigo q̄ tanto se precizava alguñs dos Coroneis, Reis, e Cabeças da d.ª Prou.ᶜᵃ de mayores partidos, athe então não bem entendida a sua infedilidᵉ e rebeldia; e chegando aos vinte e nove de Outubro da dª hera, ao porto do Reino de Manatuto, e poucos dias despois hum corpo de duzentos Sicas, q̄ tinha mandado conduzir pª a mesma execução, paçando à ajuntar os mais forasteiros q̄ pude dos poucos q̄ rezidião na dita Prou.ᶜᵃ e os partidos dos Coroneis, Reis, e Cabeças por quem fuy convidado, formando de tudo hum suficiente Arrayal para poder entrar nas primeiras operaçoens, com esperanças de bom sucesso, se o animo dos thimores, q̄ formavão a mayor parte delle, não estiveçe tão infiel, e dannado, tanto q̄ prouy à custa de grandes diligencias à dita Praça de Liphao, e mais Prezidios do mantimento q̄ me foy possivel, respeitando a falta de contribuições q̄ já se experimentaua, marchey em dezoito de seguinte Nouembro sobre os levantados do Porto de Dilly, cuja Praça de Armas dos ditos Larantuqueiros se achaua, alem das forças proprias, auxilliadas pellas do Reino de Matayel, e outros vezinhos, em corroboração do ajuste entre todos celebrado para à totàl extinção do dº mando, e sugeição real, (2) e che-

(2) Êste ajuste foi feito no tempo do Governador António de Albuquerque Coelho (1722-5): os cabos e organizadores da conjuração «...haverem morto hum cachorro branco, e preto, a que chamavão Levo, tomando-lhe o sangue e fazendo-se todos os que entravão no ajuste, no peito esquerdo por suas antiguidades, tirando delle sangue, o forão encorporando com o do cão que havião morto... Este sangue mistico beberão dele todos untando primeiro huma espada que se conserva na casa da Camanaco e jurado sôbre ela fidelidade àquela casa... matarão bufons e

gando ao Reyno de Héra, onde os ditos levantados tinhão feito sua fronteira, levando sobre a mesma marcha as muitas fortificações q̃ nella havião fabricado, demolidas, e devoradas todas, paçey à acampàr no campo de Bennamão, contigo ao dito Dilly, fazendo logo promptas as mangas de gente e armas, q̃ me pareçerão necessarias para o atacar pr meio de hum apostado sitio, que se lhe continuòu pello descursso de hum mèz, disputandoçe nelle varios asaltos, e pellejas, alem de outras hostillides q̃ se executarão tudo com grande danno da parte inimiga, e muy pouco da nossa, não obstante os thimores do meu partido pelejarem mais a seu favor, do q̃ en defença dos reaes dominios, e obediencia, sem haver meyos q̃ pudecem reduzilos ao contràrio, pr mais q̃ se lhes aplicarão os proporcionados, segundo a conjuntura; antes firmes no empenho de q̃ o dito Dilly não experimentaçe a sua vltima ruina, para melhor o capiarem, vendo q̃ já entrava a Invernada, e afectandoce faltos de bastimentos, tomarão huma, e outra couza por pretexto para me requererem os Coroneis, reis e cabeças delles em hum papel asinados, q̃ não podião existir mais tpo na dita empreza, e se devia rezervar para o verão vindouro, em que prometião com dobradas forças ajudarem-me á concluhilla, retirandome no entanto para o do Manatuto, àdonde querião sustentarme, e às companhias q̃ me asistião, obrigandome pr este modo a recolherme à aquello Reino, entrando com a minha chegada nas expediçoẽns, q̃ se fazião precizas, tanto a concervarme nelle, e a cobrança das reaes fintas, como ao comprimento das ditas promeças, athe que quaze finda a Invernada, e tendo reconhecido pello descursso della a omissão cõ que se portavão em tudo, persuadindome que sem algum projecto q̃ o descuido inimigo fizece bem sucedido, não seria facil chegalos a rezão, intentando por mar huma supreza no dito Dilly, à malograrão

fizeram sacrificios, matando Christãos, e outros ritos diabolicos ao seu uso.» (Carta do governador António Moniz de Macedo, datada de Lifao, 16. iv. 1727, reproduzida a pags. 69-70 do livro do Capitão Morais).

Reprodução da segunda página do mesmo documento de Pedro de Mello.

às rigorozas chuvas, q̄ ainda encontrey, e me precizarão à arribar das vizinhanças daquelle porto ao dito reino de Manatuto, ficando nelle todo o verão trabalhando, p̄ q̄ se efeituàçe à segunda marcha, sem perdoàr a negociação, ou diligencia alguma, q̄ pudece facillitalo, nem colher mais fruto do meu trabalho, q̄ o exemirense com incollentes paliações de virem a minha prezença; e por ultimo concordados com toda a dita Provincia (menos o dito reino de Manatuto) negarem declaradamente a divida obediencia, e vassalagem à seu legitimo Rey, e Senhor, à contemplação dos ditos Larantuqueiros, seguindose de huma tàl conspiração, que vindos ambos os partidos a cargo destes, se puzerão em campo cõ hum grosso Arrayal de gente, Armas, e alguma Artelharia, marchando sobre a à fronteira, que eu tinha mandado fazer por reparo, aos insultos dos ditos Levantados de Dilly; e vendo que a conjuração dos thimores q̄ a forneçião, lhes dava entrada franca, tomey a resolução de mandar reprezar seis reis, seus cabeças, e principal origem das referidas sublevaçoẽns, levantamentos, e mais disturbios praticados na dita Provincia, sem que por isso deixacem de continuar a dita marcha, athe vltimamente em dezoito de Outubro de mil sete centos e trinta me sitiarem com aperto na principal tranqueira do dito reino de Manatuto, por tempo de oitenta e cinco dias, em que ouve innumeraveis choques, e asaltos de huma, e outra parte, sendo a mayor opressão a da fome (3), e outras inclemencias que experimentey, respeitando ao intempestivo da dita marcha, e ao pouco, ou nenhum recursso q̄ me ficou, a vista do inimigo se fazer senhor de todo o capo, cuja dezesperação, e a de ver que se encaminhava a Invernar no dito sitio, me obrigou mandar, com o pouco que tinha, atàcàllo, nos infinitos postos, e Tranqueiras em que estava for-

(3) Segundo Barreto da Gama, os assediados viram-se obrigados a sustentar-se de folhas de árvores, que já faltavam, ossos moídos de alguns cavalos, além de outros manjares imundos, achando-se Manatuto «só huma viva reprezentação de destruyda Troya.»

tificado, effeituandose com tão bom sucesso, que perdendo no primeiro dia a mayor parte, que se contarão treze de Janeiro de mil sete centos trinta e hum, largando o mais que lhe restava, se pòz em vergonhoza retirada, perdendo nesta, e nos repetidos choques, e asaltos que se desputaram durante o dito sitio, muita gente, entre soldados, Capitaeñs, e alguñs cabbos principaes, sem que as companhias porque mandey dezalojallos, experimentassem perda de concideração, motivos porque o Reino de Lalèa entrou logo a querer dàr à devida obediencia, e se espera, que a sua imitação, o hirão fazendo os mais (4). E por quanto Manoel Machado Coelho Capitão de Infanteria da Companhia paga, que levey comigo, me acompanhou pello descurso de todo este tempo, achandoce em todas as referidas ocaziões, sitios, e embarques com a dita sua companhia, goarnecendo cõ ella antes, huma das Tranqueiras do dito reino de Manatuto, e depois no dito sitio hum Balloarte da principal, e de mais suppozição por servir de goarda às moniçoẽns, em huma Minna nelle para isso feita achandoce nos mais dos choques, que ouve com os levantados em Dilly na dita subpreza em que foy por Cabbo de huma das embarcassoẽns de Guerra, e na reprezallia que mandey fazer nos ditos Reis, sendo o primeiro que se ezpòz a esta execussão, mandàndo-o fora disto, duas vezes à Praça de Liphao à particulares do Real serviço, de que deo boa conta, fazendo juntamente dous emprestimos de alguma importancia a Real Fazenda, hum para ajuste do Barco de Macao, que socorreo as

(4) Dêste relatório contemporâneo do épico cêrco de Manatuto, escrito no próprio lugar pelo próprio Pedro de Mello, vê-se que o cêrco terminou com a derrota dos sitiadores, e não com a resolução de êle abandonar a praça e retirar-se para Lifao, embarcando tôda a guarnição e munições, como representa Affonso de Castro e o Capitão Moraes, baseando-se ambos no *Relatorio* de Pedro do Rego Barreto da Gama e Castro, e nas *Instrucções* do Conde de Sarzedas, impressos nos seus livros respectivos. Deve, pois, essa versão, única conhecida e universalmente aceite até hoje, ser abandonada, em face do documento autêntico e original que apresentamos aqui.

por mim assignada, e Sinetada com o Sello de minhas Armas. Juro aos Santos Evangelhos ser o referido verdade. Com Sinal e Sello abaixo Meu. Dada no Reyno de Manatuto, da Provincia dos Bellos Em Timor aos vinte de Fevereiro de mil sete Centos Trinta, e hum.

Pedro de Mello

Reprodução da terceira página do documento já referido de Pedro de Mello, em que se vê a assinatura do autor.

ditas Ilhas, e ficou de Invernada nellas, pello mesmo respeito, outro, para ajuda de se pagar ao Prezidio da d.ª Praça de Liphao, portàndose em tudo, e em dàr comprimento as minhas ordeñs com grande pontuallidade, vallor, experiençia, e zello do Serviço de Sua Magestade; hé digno, e merecedòr das honras com que o dito senhor custuma premiàr à aquelles que bem o servem, e por me pedir à prezente, para bem de seus requerimentos, lhe mandey passàr por mim asignada, e sinetàda com o sello das minhas Armas; e juro aos Sanctos Evangelhos sèr o referido verdade, e o sinàl e sello abaixo meu (5). Dada no Reyno de Manatùto, da Prouincia dos Bellos em Thimòr aos vinte de Fevereiro de mil sete centos trinta, e hum (6).

Sello
em lacre vermelho

(*assin. autóg.*)

Pedro de Mello

(Seguem-se as Justificações do Dezembargador Jozé Pedro de Oliveira e Britto, passadas em Goa, aos 26 de Maio (?) 173 (?); do Doutor Gonzalo José da Sylveira Preto, Juiz das Justificações Ultramarinas, Lisboa, 8 de Janeiro de 1737, e do Doutor Gualter de Andrade e Rua, aos 9 de Dezembro de 1638).

(5) Dêste capitão Manoel Machado Coelho nada mais pudemos descobrir.

(6) É de notar a beleza e nitidez da letra desta certidão, e o curioso desenho feito à pena na letra inicial, tudo muito para admirar em paragem tão remota como era Manatuto na ilha de Timor. É de crer que fôsse escrita por algum secretário Goanês ou Canarim, porque, como já notou o Cronista António Boccaro no seu *Livro do Estado da India Oriental*, escrito em 1635, esta gente «alem de terem grande natural pera escreuerem, os que se dão a isso fazem muyto excellente letra, por onde ha mais de mil escreuentes na Cidade de Goa & por toda a ilha.»

Depois do seu govêrno de Timor e Solor em tempo tão calamitoso, mas durante o qual soube manter o prestígio das armas Portuguesas, como acabamos de ver, regressou Pedro de Mello, à Côrte de Goa no ano de 1731. Daqui em diante, até o comêço da guerra luso-marata, seis anos mais tarde, nada sabemos a seu respeito senão a notícia que passamos a transcrever. É tirada dum ofício do Vice-rei D. Pedro Mascarenhas, Conde de Sandomil, datado de Janeiro de 1735, no qual o mesmo Conde-Vice-rei dá uma notícia, muito curiosa, ainda que bem sucintamente, das pessoas no Estado da Índia que «se empregão no Real Serviço de V. Magestade com distinção ou sem ella, e com a circunstancia da qualidade das suas pessoas». A notícia sôbre Pedro de Mello é uma das mais extensas e reza assim: —

«Filho do Conego Jozé de Mello, veyo do Reino ha dezaseis annos e tem occupado os postos de Cappitão de Infantaria da guarnição da Náo de viagem, Cappitão do Terço deste Estado, Cappitão de mar e guerra da Corôa, Brigadeiro de Infantaria das terras do Norte, Ajudante Real, Governador e Cappitão General das Ilhas de Solor e Timor, e Mestre de Campo do Terço novo, que actualmente exercita; em todos os postos tem procedido com vallor, e acerto, e no governo de Timor se houve com mais vallor de que prudencia, de que se seguio que estivessem arriscados aquellas Ilhas pela guerra que de ordinario lhe fazem os seus naturaes, não havendo da nossa parte forças com que se possão dominar inteyramente; não he falto de entendimento, nem de modo, mas não tem tanta cinceridade como Dom Francisco do Alarcão, e me paresse que se se offerecer a occazião, não deixará de entrar em parcialidades, seguindo efficazmente o partido de Dom Christovão de Mello, a quem não falta sequito pela razão de haver governado este Estado, e a esperança provavel de poder

entrar outra vez no governo delle; entendo porém que com o tempo se fará capás de occupar neste Estado os mayores empregos delle». (7)

Foi Pedro de Mello ainda exercitando o seu pôsto de Mestre do Campo do Terço novo de Goa, quando na primavera de 1737 rebentou a desastrosa guerra Luso-Marata, que acabou por pôr termo à rica Província de Norte e à fausta «Côrte do Norte», a célebre cidade de Baçaim, em que eram «tantos os dons, assim de homens como de molheres, que vierão a chamar aquella cidade *dom Baçaim*».

Na noite de seis para sete de Abril daquele ano fatal, forçou o inimigo marata, confederado com vários habitantes hindus da ilha de Salcete, alguns dos quais tinham sido vítimas da Inquisição, um dos passos secos da dita ilha, com um corpo considerável de gente, e entrou e senhoreou-se dela. Em seguida, ocuparam o rio para impedir que de Baçaim fôssem quaisquer socorros para as fortalezas de Salcete, principalmente para a de Thaná, onde as obras de fortificação ainda estavam incompletas. Tôda a fôrça inimiga atravessou o rio na manhã de 7. Diante desta marcha do inimigo, o General do Norte, Dom Luís Botelho, reüniu um conselho de guerra, e resolveu retirar, como retirou, para a ilha de Caranjá, passando dali para Baçaim, abandonando assim ao Marata tôda a ilha de Salcete (menos o forte do Bandora, que fôra socorrido pelos Ingleses de Bombaim), e a ilha de Caranjá, excepção feita da fortaleza do mesmo nome, que foi valorosamente defendida de dois assaltos furiosos do inimigo, pelo seu brioso Capitão Caetano de Souza Pereira, que ficou gravemente ferido no rosto.

Os acontecimentos de 6 e 7 de Abril, cuja notícia chegou a Goa em 12, causaram ali funda consternação. A primeira coisa que fez o Vice-rei foi enviar para o Norte os socorros que lhe era possível reünir ali, onde as cousas também não corriam favoráveis. Deu o

(7) Celestino Soares, *Documentos comprovativos do Bosquejo das Possessões Portuguezas no Oriente*, tomo III, p. 30. (Lisboa, 1853).

comando dessas fôrças ao nosso Pedro de Mello, que levou consigo duzentos soldados escolhidos na fragata *Nossa Senhora de Nazareth*, partindo de Goa para Baçaim em 18 de Abril. Por imediato foi o tenente-coronel João Barbosa e Barros. Levou também algumas munições de guerra e 150.000 xerafins em dinheiro. (8)

A mais pormenorizada notícia dos sucessos desta infeliz guerra marata é uma *Rellação da guerra que o infiel Maratá fez no Estado da India, e dos progressos della desde o dia seis de Abril de 1737 thé os primeiros de Janeiro de 1745 com algumas notícias das antecedencias e principios, em que teve origem a mesma guerra.* (Cod. 1605 A. G. Biblioteca Nacional de Lisboa, 91 folhas). Esta valiosa relação é reproduzida integralmente pelo erudito investigador Padurongà Pissurlencar no *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, de Nova Goa, que ainda a enriqueceu com valiosas notas. Dela transcrevemos as seguintes notícias que dizem respeito a Pedro de Mello. Aludindo à sua nomeação para servir no Norte com o exercício da sua patente de Mestre do Campo do Terço Novo, diz que era

«fidalgo de tão grandes esperanças como virtudes, as quaes retiverão logo exercicio nesta sua nomeação, pois receando-se que a recuzaria por não sujeitar-se ás ordens do General do Norte deminuindo a auctoridade do posto de Mestre de Campo que, por sua antiguidade e graduação, estava na posse de não ser mandado á acção em que recebesse ordens de outro que não fosse o mesmo V. Rey; o fes tanto pello contrario que antepondo a honra de exercitar o seu valor e prestimo na guerra, a tudo o que podesse embaraçar-lho, aceytou a nomeação sem repugnancia...» Partiu de Goa aos 18 de Abril na fragata *Nazareth*, como fica dito acima, e chegou a Baçaim dez dias mais tarde com viagem breve e feliz. (9)

Em Goa, a opinião geral era desfavorável a D. Luis de Botelho, por não ter querido tomar as necessárias medidas para repelir a invasão marata, não obstante os prévios avisos que êle recebera de que o exército inimigo vinha contra Taná. Assim o vice-rei, bem a seu pesar, cedendo a esta opinião geral, demitiu o seu sobrinho do cargo e mandou-lhe instaurar devassa. Para General do Norte escolheu a Antonio Cardim Froes « official antigo na India, de prestimo e valor conhecido, e não pouco versado em tratar as nações Aziaticas ». De facto, era Antonio Cardim Froes oficial antigo e muito notável. Natural da vila de Torrão no Alentejo e filho de Fernão Cardim Pereira, Cavalheiro de S. Tiago, viera do reino em 1698, e havia ocupado os postos de alferes de infantaria, de capitão de manchúa de guerra, de capitão de infantaria, de capitão-mór do campo, de capitão de mar e guerra, de capitão-mór da armada e costa do Norte, de brigadeiro do exército que sitiou a praça do Culabo, de Sargento-mór de batalha, de Governador de Moçambique e General dos Rios de Senna. Ao tempo da sua nomeação para General do Norte, estava servindo o cargo de General dos Rios de Goa, cargo que, na presente nomenclatura oficial, corresponde ao de capitão dos portos. (10)

Antonio Cardim Froes seguiu imediatamente para Baçaim, embarcando aos 18 de Maio numa nau inglesa que acaso tomou a barra

(8) J. A. Ismael Gracias. *Os ultimos cinco Generaes do Norte* no *Oriente Portuguez*, Vol. III, p. 78-80 (Nova Goa); Pandurongà Pissurlencar, *Maratas em Baçaim*, p. 59-60; Ibidem, *Portuguezes e Maratas*, IV, pp. 23-43, onde vêm citadas tôdas as fontes contemporâneas e posteriores, tanto manuscritas como impressas, quer Portuguesas, quer Maratas.

(9) P. Pissurlencar *Portuguezes e Maratas*. IV, p. 43-4. Ibid., *Maratas em Baçaim* (Bastora, 1935), p. 60. No primeiro ensaio vêm reproduzidos (p. 44, *nota* (1) alguns trechos interessantes das *Instruções* do Visorey para Pedro de Mello, que têm a data de 18 de Abril, nas quais lhe é recomendado cooperar e conferir com o Governador Inglês de Bombaim.

(10) *Oriente Portuguez*, III, p. 81-2. A propósito, dizia o Visorey «...nomeey a António Cardim Froes pello conhecimento que tinha da Provincia do Norte, e boa reputação entre os mesmos inimigos com quem hia contender...» *(Ibidem*, p. 149.)

de Aguada, e surgiu na de Baçaim aos 23 do dito mês, e logo no dia seguinte tomou posse do seu govêrno, que o seu antecessor, D. Luís Botelho, «...lhe entregou com obediencia, igual a repugnancia, que se fas crivel do seu brio e obrigações em taes circunstancias». Não era, porém, só D. Luís Botelho que teve algum desgosto com a chegada do novo General, porque «...No Mestre de Campo Pedro de Mello, fez tambem não pequena impressão a nomeação que não esperava do novo General, porque havendo-se sujeitado ás ordens de D. Luis Botelho com deminuição da regalia do seu posto, que estava na posse de não ser mandado por quem não governasse a India, entendeo ter justo fundamento para sentir, que estando a sua pessoa no Norte se lembrasse o V. Rey de outra para General da mesma prov[a], e em demonstração deste sentimento apareceo ao novo General Antonio Cardim Froes, sem a insignia do seu posto, de cujo exercicio se absteve, enquanto a satisfação que o V. Rey lhe deu o não desobrigou de sustentar por mais tempo este capricho tão oposto ao designio, que tinha, de os exercitar na guerra». (11)

Não durou muito tempo, porém, esta questão de *lana-caprina* entre António Cardim e Pedro de Mello, porque apenas chegado aquele, principiou o seu govêrno com uma acção feliz, para o êxito da qual muito concorreu o valor do Coronel Pedro de Mello. Pouco antes da chegada do novo General a Baçaim, aos 23 de Maio, tinham os Maratas ocupado um sítio chamado o outeiro de Agoada (por outro nome a agoada de Dongrim), que distava pouco da Barra da mesma cidade; e fortificando-se num murro, junto à couraça que antigamente se havia feito no mesmo lugar, montaram algumas peças de artilharia, com que faziam fogo às embarcações que entravam e saíam, impedindo assim o uso da barra. Resolveu Antonio Cardim desalojá-los, o que fez passando à outra margem do rio no dia 26 de Maio com trezentos homens portugueses e quinhentos sipais, atacando o inimigo

(11) P. Pissurlencar, *Portuguezes e Maratas*, IV, p. 47 *(Relação da guerra* &c.)

com tal repente e ardor que (segundo as suas próprias palavras) «matando-lhe...oitenta, quebrando-lhe a fortificação que já havia feito e finalmente matando-se o Governador della que a perdeo com torbentas bandeiras suriapano, (12) e os papeis em que achey os designios de querer estabelecer-se nesta Provincia...», o que executado se recolheu o General para Baçaim, «deixando a barra desembaraçada e o seu governo bem principiado com o feliz logro desta acção». (13)

Não se desanimaram os Maratas com êste revés, que logo satisfizeram com a tomada do forte de Bandora em Junho. Animado com esta façanha, deu o inimigo, na noite de 8 para 9 de Julho de 1737, um assalto à praça de Baçaim pela cortina que ficava entre o baluarte dos Reis Magos e S. Gonçalo, destacando do campo de Madrapor quatro mil homens escolhidos; mas, depois duma meia hora que durou essa operação, desistiram da empresa e se retiraram «deixando na campanha muitos mortos e tres feridos e trinta e duas escadas», enquanto da parte dos defensores não perigou pessoa alguma. (14)

Mais grave era uma segunda tentativa de assaltar a praça de Baçaim feita pelo inimigo na noite de 15 de Setembro, «com mais de oito mil homens, pondo huma mampostaria arrimando escadas e sendo estas lançadas fora foi o inimigo rachassado valerozamente com excessivo fogo durando a sua pertinancia ora e meya em que desenganado de poder conseguir o seu projecto se retirou com perda de dous mil homens deixando na rais da muralha sessenta e quatro mortos, entre elles tres cabos principaes do seu exercito, e quarenta e quatro escadas». (15)

(12) Palavra marata que significa literalmente *fôlha do sol*. Tem a forma de az de copas virado. Uma das insígnias a que, desde remotos tempos, reclamam exclusivo direito em Goa os brâmanes gentios, e que lhes é contestado pelos ourives. *(Oriente Portuguez*, III. p. 83).

(13) O *Oriente Portuguez*, II, p. 223; ibid. III, p. 83; *Relação da guerra* &c.

(14) P. Pissurlencar, *Maratas em Baçaim*, (Bastora, 1935), p. 63.

(15) P. Pissurlencar, *Maratas em Baçaim*, p. 63.

Nesta ocasião «da parte dos defensores forão seis os mortos, e quinze os feridos, entrando no numero destes o Mestre de Campo Pedro de Mello, que curado entrou logo a encher o seu lugar, e dessassombrar os seus subalternos e soldados do cuidado que terião concebido da sua ferida, não se esquecendo de agradecer a todos a sua actividade e vallor com que obrarão na ocazião; deligencia, a que tambem não faltou o General satisfeito do seu bom procedimento». (16) Não foi esta só a ocasião em que se assinalou Pedro de Mello, porque, segundo nos informa outra relação contemporânea desta guerra, êle «sahia da praça de noite com alguns soldados e desfazia as maquinas do inimigo, e muitas vezes dando nelles de repente, e matando-lhes muita gente...» (17)

Enquanto estas cousas se passaram no Norte, chegaram de Portugal a Goa a nau *S. Pedro de Alcantara,* e a nau *N.a Sra. de Madre de Deos,* esta última com feliz viagem e a sua guarnição livre de doenças. Com estes reforços e alguma tropa que pôde ajuntar em Goa, preparou o Vice-rei um socôrro de 600 sipaes e lascarins, além de mais de 200 brancos. Enviou também o Vice-rei algum socôrro de dinheiro, arroz e munições de guerra, «havendo-me vallido da Companhia de França, a qual me soccorreo com grande promptidão, e boa vontade, ainda que à custa de mais de 80.000 xerafins que importarão as moniçoens que me erão necessarias».

(16) *Relação da guerra* citada em *Port. e Maratas,* IV, p. 57. Diz esta última relação que no dia seguinte se acharam no campo «cento e quinze mortos a que se deo sepultura, alguns feridos que o General mandou recolher e curar e 51 escadas», sendo a perda do inimigo avaliada em 2.000 mil mortos e feridos. Segundo as fontes Maratas citadas pelo historiador P. Pissurlencar, o ataque foi dirigido pelo general Bagi Bhiv Rau, que ficou ferido, e morreram nesta ocasião 400 a 500 dos seus homens e feridos outros tantos.

(17) Diogo da Costa, *Relaçam das Guerras da India* (Lisboa, 1741), p. 6. Além desta edição de Lisboa, já pouco conhecida e muito rara, possuímos outra do mesmo ano, impressa em Coimbra, que não vimos citada por bibliógrafo nenhum.

Com esta gente de socôrro que recebeu o General António Cardim Froes por todo o mês de Novembro, dispôs-se a socorrer pessoalmente a fortaleza de Mahim, vizinha a Baçaim, e desde muito tempo sitiada com apêrto pelos inimigos, a-pesar-de dois socorros pequenos que o General soube introduzir naquela praça. Porém, vendo-se António Cardim «embarassado para hir pessoalmente à occazião com o requerimento e protesto que lhe fes a cidade de Baçaim, para não sahir desta Praça, entre todos a mais importante, dentro da qual devia com a sua pessoa segurar a sua deffensa, lhe lembrou para o empenho desta acção a pessoa do Mestre do Campo Pedro de Mello, em cujas virtudes ficava bem afiansado o successo della, não se rezolvendo a convida-lo pessoalmente por occazião das anteriores desconfianças em que já falamos, pedio ao Vedor da Fazenda António Carneiro de Alcaçova, amigo de ambos, quizesse persuadi-lo a encarregar-se deste empenho, o qual aceytou logo Pedro de Mello com a lisonja feita ao seu prestimo, do que satisfeito e agradecido o General mandou pôr promptas para embarcar duas Companhias ligeiras de 80 homens naturaes e 600 sipaes», com os quais partiu de Baçaim aos 28 de Dezembro de 1737, chegando a Mahim 5 dias mais tarde. (18) Os sucessos e feliz êxito desta empresa do Coronel Pedro de Mello são descritos miùdamente na *Relação da guerra,* já tantas vezes citada, e que agora mais uma vez reproduzimos textualmente, por ser o relatório contemporâneo mais fidedigno: —

«Chegou este socorro com brevidade á Praça de Mahym. O Mestre de Campo Pedro de Mello sahio da Praça com as forsas que pôde juntar nella, divididas em dous corpos, no dia tres de Janeiro

(18) *Relação da guerra,* p. 65. Acrescenta outra fonte contemporânea, «...seguindo-se da intervenção o efeito que se desejava, não sendo necessário que o rogassem ou persuadissem para aceitar a ocazião... e de caminho se ofereçeo também para socorrer Asserim, cuja serra estava em aperto com oito mezes de sitio». *(Port. e aratas* IV, p. 65, nota) (1).

pello meyo dia, e atacou as fachinas dos inimigos com tal vallor e rezolução, que em breve tempo as montou e rompeo, vencida a grande rezistencia que encontrou nellas, sustentada a custo de 300 homens que os Inimigos perderam na occazião, no sentir de pessoas mais verdadeiras, alem dos que ficarão prizioneiros; o certo he que para elles foi tão sencivel este golpe que no dia seguinte levantarão o sitio deixando a praça desasombrada, sem mais perda de nossa parte que o de dois mortos no campo alem de muitos feridos.

« Com esta glorioza acção em que todos procederão com aquella honra e valor a que os convidava o exemplo de Pedro de Mello, deu este principio a Campanhia deste verão, e sendo informado que os inimigos com outro corpo de gente estavão atacando o Forte de Seridão, (19) onde tambem havião feito as suas fachinas, embarcou logo no dia seguinte a socorrel-lo, sem embargo de recuzar accompanhá-lo a mayor parte dos Sypaes que duvidarão entrar em segunda acção, sem serem premiados pella primeira; e como Pedro de Mello testemunhasse o pouco que havião merecido e entendesse lhe não farião muita falta o Corpo que ficava, que por ser numerozo não admitia na conjunctura prezente mais castigo que mostrar-se independente delle, assim o executou levando em sua companhia com a gente que tinha reglada, 500 sypaes, que por serem mais antigos no serviço do Estado quizerão acompanha-lo e entrando pello Ryo de Syridão, de baixo do fogo, que por huma e outra parte se lhe fazia, dezembarcou com agoa pellos peitos, e á sua imitação todo o seu corpo, que formado avançou ás fachinas, em que os inimigos não fizerão consideravel rezistencia preocupados talvez do temor a que os terião inclinado as noticias de Mahym, a cujo exemplo levantarão o sitio de Syridão, deixando as minas abertas thé a raiz da muralha, e quarenta mortos no campo sem mais perda nossa que hum Cappitão de Infantaria e hum soldado Portuguez alem de outros feridos ».

(19) Ou *Sirigão* como é chamado em outras fontes contemporâneas.

Logo depois de estar assim levantado o cêrco de Mahym, passou Pedro de Mello a socorrer a fortaleza na serra de Asserim, com ajuda de mais 200 homens que recebeu do General António Cardim de Baçaim. Prossegue a mesma *Relação de guerra*... «Esta acção, entre todas as que se obrarão nesta guerra, foi sem duvida alguma a mais rezoluta e arriscada, porque dominando os inimigos toda a campanha com grande numero de gente de pé, e cavallo, hera empenho certamente difficil penetra-la com tão pequeno corpo, que a gente reglada entrando alguns soldados naturais, não passava de 400 homens, e os sypaes que não merecião muita confiança, por serem gentios, e os mais delles inuteis, não passavão de 1.200, havendo de fazer marcha dilatada pella terra dentro, e por caminhos asperos, onde no cazo de alguma infelicidade, ficavão expostas todas as forças do Estado, mas hera tal a confiança que o General fazia do vallor e boa dispozição de Pedro de Mello que não duvidou empenhalo neste socorro para segurar com elle a serra de Asserim, a quem a natureza criou tão forte que tendo a sua goarnição mantimentos se torna inconquistavel». (20)

Não desmentiu Pedro de Mello a confiança de António Cardim Froes, e a-pesar-das grandes dificuldades que encontrou na marcha «humas veses pela aspereza dos caminhos, que lhe hera necessario ir fazendo para poder passar a artelharia e bagagem, e outras pella oppozição que em alguns passos lhe fazião os Inimigos, de todas soube desembaraçar-se com a sua actividade, deligencia e boa dispozição» que fez levantar o sitio ao inimigo, sem perda alguma da parte dos Portuguezes. (21) Introduzido o socorro na serra de Asserim, retirou

(20) Àcêrca desta famosa serra de Asserim e sua inexpugnável fortaleza veja-se pp. 7-10 da obra do Dr. A. B. de Bragança, *Os Portugueses em Baçaim* (Bastora, 1935).

(21) Pedro de Mello chegou à vista da serra de Asserim em 27 de Janeiro, tendo começado a sua marcha no dia anterior «...fazendo aquella expedição tão pronta e violenta que pareceo hum rayo».

Pedro de Mello «com bem ordenada marcha» para Baçaim, «em cujas portas o esperou e recebeo o General com aquellas demonstrações que pedia o feliz logro destes sucessos, e congratulados huns e outros se encaminhou todo aquelle concurso em boa ordem, arrastando as bandeiras que se ganharão aos Inimigos, em prezença dos prisioneiros para o convento de S. Domingos, onde em acção de N. Senhora dos Remedios se entoou o *Te Deum Laudamus,* e se cantou missa...»

Mesmo com o feliz lôgro dêste sucesso, não ficou muito tempo inactivo o brioso Mestre de Campo, que, um mês depois, tomou parte numa façanha ainda mais gloriosa para as Armas Lusitanas. Tinham os inimigos tornado a fortificar-se no outeiro de Dongrim, donde já haviam sido expulsos por António Cardim em Maio do ano anterior. Desta vez, porém, tinham levantado paredes e baluartes de pedra e cal, em que montaram artilharia, e haviam guarnecido a fortificação com 600 homens escolhidos, governados por um cabo de confiança, o que tudo dificultou muito a repetição do feliz assalto do ano anterior.

Resolveu, porém, o General António Cardim tentar a sua fortuna segunda vez, e da guarnição de Baçaim organizou um corpo de 300 granadeiros portugueses, 240 ligeiros naturais e 1.200 sipais, dando o comando da vanguarda ao Coronel Pedro de Mello. Saiu da cidade pela meia noite de 27 para 28 de Fevereiro de 1738, «vestindo sôbre as armas o penitente habito de Terceira de S. Francisco», e ao romper da manhã desembarcou nas praias de Dongrim. Avançaram os portugueses em boa ordem, e depois de terem ganhado uma fachina avançada do inimigo ... «devidido aquelle pequeno corpo em tres partes, com huma atacou o General a porta principal, com outra, que governava o cappitam de Granadeiros Antonio Mendes de Macedo, se investio a segunda porta, e com a terceira escalou o Mestre de Campo Pedro de Mello a muralha, avansando todos ao mesmo tempo com tal rezolução e valor que perturbado o acordo para rezistencia, em breve tempo e a pouco custo, se logrou facilmente a empreza, não escapando de 600 homens que goarnecião aquella fortificação, mais que

50 que ficarão prezioneiros, entrando neste numero o seu Cabo, e de nossa gente forão 40 os feridos e 12 os mortos... O General Antonio Cardim Froes e o Mestre de Campo Pedro de Mello forão os primeiros que entrarão pella porta e pella muralha, e convidando com o seu exemplo todos os que o seguião, os quais os souberão imitar, de sorte que entrando e sobindo todos não cedião huns a outros mais vantagem que aquella que percizava a ordem». Lograda assim tão felizmente esta acção, se recolheu o General no mesmo dia para Baçaim, deixando a fortificação de Dongrim guarnecida com três companhias de granadeiros a cargo de Caetano de Souza Pereira. (22)

Assim fôra relativamente feliz o govêrno do General António Cardim Froes, em grande parte devido ao valor e cooperação do Coronel Pedro de Mello. Haviam-se socorrido os fortes de Quelme e de Sirigão, a praça de Mahim e a serra de Asserim. Ganhara-se duas vezes o outeiro de Aguada de Dongrim, a última vez com a perda de tôda a guarnição inimiga. Mas, ao passo que o Vice-rei, Conde de Sandomil, mandava, como lhe era possível, gente de guerra para o Norte, António Cardim achava tudo pouco, e assim era na verdade. Os inimigos multiplicavam-se todos os dias, era mister opôr fôrça à fôrça, e o General instava por novos socorros. O Vice-rei não lhos podia satisfazer. Cremos também que entre ambos não havia conformidade nas ideas e planos, porque, propondo António Cardim que se recrutassem os religiosos para servir na guerra, o Conde de Sandomil rejeitou a proposta. Desgostoso, o General pediu a sua exoneração. Não lha aceitou o Vice-rei. Repetiu o pedido, a ponto que o Conde de Sandomil, a pesar da gravidade das circunstâncias, se viu obri-

(22) *Relação da guerra* cit. em *Port. e Maratas*, IV, pp. 10-31. Cf. também outra versão no livro de Ignacio Barbosa Machado, *Fastos Politicos e Militares da antigua e nova Lusitania*, Lisboa, 1745, p. 700-5.

1803

gado a deferir-lha, «pella qual noticia o Chamanagy Apá (o Cabo Marata) ficou muito contente». (23)

Não ficou, porém, o Chefe Marata tão bem disposto, quando soube que o sucessor de António Cardim era o Mestre de Campo Pedro de Mello, (24) a quem o General entregou o govêrno da província em Abril de 1738, e não tardou aquele em mostrar que era digno sucessor do destemido Cardim. Eram dia a dia mais graves as circunstâncias, e crescia espantosamente a invasão do Marata. Pedro de Mello era, porém, um bravo, e não se poupava a sacrifícios para abrir com a sua espada o caminho para a salvação da Província, cada vez mais oprimida pelo inimigo. (25) Assim, logo que tomou posse do seu govêrno, deu baixa e despediu a maior parte dos sipais «deixando somente 400 escolhidos e mais capazes de confiança por serem mais antigos no serviço do Estado, e haver não poucas experiençias da sua fidelidade» atalhando por esta forma uma grande despesa, que não cabia na Fazenda diminuta e rendas exaustas de Goa. Com os que restavam, fez Pedro de Mello algumas sortidas bem sucedidas contra os inimigos nas suas fachinas de Madrapor, com muito perda dêles e pouca própria.

Em 18 de Maio, recebeu de Goa o novo General 150.000 xerafins, pela fragata *N.a S.a de Nazareth*, e destinados às despesas do inverno o qual, aliás, se passou sem que os inimigos fizessem operação considerável, frustrando Pedro de Mello tôdas as suas tentativas para apertar o sítio de Baçaim. No comêço de Novembro, chegou a Baçaim um socôrro mais importante, embarcado em 2 fragatas, 3 pal-

(23) *O Oriente Português*, III, p. 156-8.

(24) O historiador P. Pissurlencar cita uma carta do General marata Xancaraji Quexava Fatquê, escrita ao Pexvá em que diz «...o novo General é aquelo que nos fêz levantar os sercos de Mahim, Sirgão e Asserim e demoliu Manorá». *(Port. em Baçaim*, IV, p. 64).

(25) *O Oriente Português*, III, p. 225.

las e 3 galias, composto de 480 soldados escolhidos dos regimentos da Côrte e Província do Reino, que tinham chegado a Goa em Outubro nas naus da carreira *Na. Sra. da Vitoria* e *Na. Sra. do Bom Sucesso*. (26)

Com êste socôrro veiu ordem do Vice-rei para se empreender a restauração do forte dos Reis Magos, dominando o rio de Taná, e chave da fortificação incompleta do mesmo nome, a recuperação da qual seria no seu modo de vêr, uma acção decisiva. Pedro de Mello, «supposto reconhecia que as utilidades desta acção não podião corresponder aos embaraços e risco com que se difficultava, se dispôs a executala, querendo antes meresser por obediente, que expor a sua reputação por advertido». Para esta expedição formou um corpo de 400 portugueses e 600 sipaes embarcados em 36 navios com os quais partiu de Baçaim em 4 de Dezembro, indo surgir defronte do forte dos Reis dois dias mais tarde.

Apenas chegado, foi Pedro de Mello reconhecer o sítio, «onde com mayor evidencia observou as difficuldades que antes havia premeditado, porque não havendo surgidouro capaz de segurar as embarcações em nado no baixo mar em distancia proporcionada; para bater o forte, se fazia impraticavel esta opperação, e não menos o hera o de escallar os seus muros firmando as escadas em embarcações, que debaixo de todo o risco se chegassem a elles em maré cheya, por haverem os inimigos fabricado huma estacada que cercando todo o forte, embaraçava poderem chegar a elle embarcações; e supposto que nestas circunstancias justamente duvidasse o General conseguir a empreza, comtudo por condecorar a viagem tomou a rezolução de bombear o Forte, persuadindo-se que se tivesse a fortuna de metter-lhe algumas bombas sendo como hera pequeno o seu recinto, poderia percizar os Inimigos a desempara-lo, por não poderem sofrer

(26) *Relação da guerra* &c. Ms. citado por P. Pissurlencar em *Prot. e Maratas*, IV, pp. 33-6.

em lugar tão apertado o seu estrago, e informado com pessoas praticas de aquelle Ryo, dispos os lugares em que devião surgir as embarcações, livres de perigo de ficarem em secco na baixa mar...

« No dia 7 teve principio a opperação assim dos morteiros como da artilharia, mas sem effeito de consideração, e cessando com a noite hum e outro fogo, se tornou a continuar no dia seguinte, em que se observou cahir huma bomba dentro no Forte, percebendo-se o seu estrago pella grande formassa que se vio e movendo-se o General a querer observar os tiros de mais perto, sahio da palla em que estava, e, embarcado em huma lancha, pertendeo passar para o batellão dos morteyros, e nesta breve viagem rendeo a vida, que em tantas ocaziões havia exposto o seu vallor ao impulso de huma balla de artelharia, que despois de quebrar duas vezes a forsa na agoa, lhe penetrou as entranhas», sem fazer mais offensa aos outros officiaes que o acompanhavão. Com esta tão infausta e inesperada morte do General Pedro de Mello, cessou o combate, repetirão-se signaes de artelharia com as bandeiras arreadas a meya hastia, e na mesma noute se retirarão as embarcações, havendo em tudo a desordem que prometião aquellas antecedencias.

Em 12 de Dezembro entrou a Armada em Baçaim, e dezembarcando o corpo do General com as demonstrações devidas ao seu caracter, foy depozitado no Collegio de São Paulo, caza da Companhia de Jesus, onde no dia seguinte se lhe fes officio do corpo, prezente com assistencia das Relligioes, clero, millitar e nobreza, e acabada a função foi conduzido ao Convento de S. Francisco, em que se lhe deu sepultura com geral sentimento de todos os que reconhecendo as suas muitas virtudes, fundavão na sua pessoa grandes esperanças». (27)

(27) *Ibidem*, pp. 19-40. Assim a morte de Pedro de Mello ocorreu no dia 8 de Dezembro de 1738. Nessa ocasião, era Mal-har Rau Holcar o General dos Maratas no forte dos Reis Magos.

O Capitão da praça de Baçaim, João Xavier Pereira Pinto, assumindo *ab interino* as funções de General, participou para Goa a infausta notícia da morte de Pedro de Mello, e a propósito dêste desastre, escreveu ao Vice-rei numa carta sua de 6 de Janeiro de 1739, «... quando a nossa armada foi atacar o forte dos Reys, o General socorreo ao Marata com tres condestaveis inglezes, e essa certeza tenho de Bombaim, e também de pessoas da ilha de Salcete que me certificão o mesmo, e que hum dos condestaveis fôra o que fizera o tiro com que matarão ao General». (28) Será porventura justa tão grave acusação? Depois de examinar tôda a evidência contemporânea — quer portuguesa, quer inglesa ou marata — temos de confessar que, embora não haja absoluta certeza, assim sucedeu com tôda a probabilidade.

Já no comêço desta infeliz guerra Luso-Marata, tinha o Vice-rei razão para se queixar do procedimento dos Ingleses de Bombaim, situada como era, tão perto de Baçaim e a scena de hostilidades. Escrevendo para a Metrópole em 30 de Janeiro de 1738, disse o Conde de Sandomil... « Os inglezes com effeito tem obrado como verdadeiros mercadores, porque se conservão neutrais com o Marata na aparencia, e na realidade amigos, pois se me tem segurado por muitas partes que lhe vendem munições de guerra a troco do arroz da nossa mesma ilha de Salcete, de que os inimigos recebem grande utilidade, e nós hum gravissimo prejuizo ». (29)

Com a mesma queixa, escrevia o Capitão de Baçaim, João Xavier Pereira Pinto, ao Governador de Bombaim, com data de 4 de Janeiro de 1739... « Com magoa minha expresso esta materia, e o não fizerão se não nos achassemos justamente resentidos, porque temos a certeza de que dessa Ilha (de Bombaim) se estão fornecendo ao Marata de polvora, e balas continuamente, porque no inverno toda a arti-

(28) *O Oriente Portuguez*, III, p. 234.

(29) *Ibidem*, p. 155.

lheria com que o Marata atirava para esta cidade, erão as suas balas batidas, e do verão para cá todas são vazadas, e com marcas inglezas. Quando o senhor General defuncto Pedro de Mello foi atacar o forte dos Reys, sey que dessa Ilha forão para Tannã tres condestaveis, e talvez que a bondade delles fosse o flagello da nossa pena, e ao depois com o pretexto de serem fugidos, se restituirão, não querendo o Marata fazer de outros, que realmente se achão dezertores em Tannã, senão destes por terem sido mandados». (30) Repetiu o capitão esta queixa na sua carta, já citada, ao Vice-rei, escrevendo-lhe que «...estando o Marata no inverno falto de balas de artilharia, e por esta causa todas aquellas com que nos atirava, erão batidas, e muito mal unidas de tal sorte que se fazião em pedaços em qualquer parte que tinhão o seu emprego, e agora todas as com que nos atirão, são vazadas, e com marcas inglezas.» (31)

Mas para que mais citações? Digamos apenas de passagem que as fontes inglesas e maratas contemporâneas concordam em que os ingleses venderam munições aos Maratas, embora os primeiros neguem que fôsse um condestável inglês quem apontou o tiro fatal que matou Pedro de Mello.

(30) *Ibidem*, p. 123.

(31) *Ibidem*, p. 234. Diga-se de passagem que quando rebentou a invasão marata na ilha de Salcete em Abril de 1737, os ingleses socorreram a fortaleza de Bandorá, de fronte da ilha de Bombaim, com munições e gente «como interessados na deffensa daquelle posto». Desta gente inglêsa de socôrro, desertaram 3 bombardeiros para Baçaim, onde serviram com grande valor contra os Maratas. Acrescentemos que o sucessor do Governador John Horne, Mr. Stephen Law, que tomou posse no comêço de 1739, mostrou-se muito mais bondoso para com os portugueses, socorrendo-os como podia, dando-lhes barcos para a evacuação da guarnição e gente de Baçaim, quando aquela praça teve que capitular em 23 de Maio de 1739, e, finalmente, hospedou a guarnição portuguesa no inverno do mesmo ano, até que partiu para Goa.

CARTA II

CARTA ESBOÇO DO DISTRITO ENTRE BAÇAIM E CHAUL SÉCULO XVIII

Seja como for, se foi realmente a mão dum soldado inglês a causa da morte do valoroso General Português (da vida do qual dependia não sòmente a restauração do Norte mas a conservação da própria Baçaim, como depois mostrou o sucesso), talvez possam atenuar um pouco esta acção tão desleal as linhas que escreve agora outro oficial inglês, só com o fim de rehabilitar e glorificar a figura do heróico Pedro de Mello — hà tantos anos esquecido, mas digno sem favor de ser lembrado como qualquer grande capitão da Epopeia da Conquista e Navegação.

12 de Setembro de 1937

C R Boxer

APÊNDICE

Ascendência Varonil de: —

- Pedro de Mello, N. antes de 1700, M. 8-XII de 1738
  - Joseph de Mello, Natural de Serpa, cónego da Sé de Lisboa, Irmão de Francisco de Mello, 3º Senhor de Ficalho, Mestre de campo, etc.
    - Pedro de Mello 2º Senhor de Ficalho, Comendador de São Martinho de Pinhel, etc.
      - Francisco de Mello, 1º Senhor de Ficalho, Comendador de São Pedro de Gouvea, etc.
        - Pedro de Mello
          - Diôgo de Mello, Mestre-Sala da Imperatriz D. Isabel, Mulher de Carlos V
            - Henrique de Mello
              - João de Mello, Alcaide-mór de Serpa
              - D. Isabel da Sylveira
            - D. Maria Barreto
              - Nuno Pereira de Lacerda
              - D. Guiomar da Costa
          - D. Lucrecia de Mello
            - João de Mello Comendador de Cazavel
            - D. Brites de Brito
        - D. Luiza Pereira
          - Roque da Costa Barreto
          - D. Guiomar Pereira
      - D. Catherina de Castro
        - D. Rodrigo Manoel
        - D. Felippa de Castro
    - D. Tereza de Mça
      - Tristão de Mendoça Comendador de Avança
      - D. Elena Manuel
  - ?